



FILHA DO CAOS

Para os mortais serem livres, os deuses devem cair.

A.S. WEBB



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

A.S. WEBB

FILHA DO CAOS

Para os mortais serem livres, os deuses devem cair.

Tradução

SOLAINE CHIORO



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © A.S. Webb, 2024

Publicado pela primeira vez como *Daughter of Chaos* em 2024 por Michael Joseph, que faz parte do grupo de empresas Penguin Random House.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Copyright da tradução © Solaine Chioro, 2025

Todos os direitos reservados.

Título original: *Daughter of Chaos*

Preparação: Bárbara Prince

Revisão: Ligia Alves

Projeto gráfico e diagramação: Matheus Nagao

Capa: Elita Sidiropoulou

Ilustração de capa: Tom Roberts

Adaptação de capa: Renata Vidal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Webb, A. S.

Filha do caos / A. S. Webb ; tradução de Solaine Chioro. – São Paulo :
Planeta do Brasil, 2025.
416 p. : il.

ISBN 978-85-422-3416-9

Título original: Daughter of Chaos

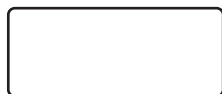
1. Ficção inglesa 2. Literatura fantástica I. Título II. Chioro, Solaine

25-II33

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2025

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

A CAVERNA

A respiração de Danae dançava como pequenos fantasmas no breu. Ela se lançou para fora da caverna escura e encarou a brancura erma. Estava na fenda, no meio de uma montanha indomável no fim do mundo, encoberta por uma névoa congelante de nuvens sem fim. Ninguém se aventurava por ali havia séculos. Nenhum mortal, pelo menos.

Fechando os olhos com força, ela lutou para recobrar o calor de seu sonho. Contudo, não conseguia voltar, não importava o quanto tentasse. O frio da montanha estava em seus ossos.

Se rendendo à realidade, ela se desvencilhou da bolsa e voltou a atenção para suas mãos latejantes. Mordendo a pontinha das luvas de pele de cabra, libertou os dedos. O sangue gotejava dos cortes que havia ganhado durante a subida. Inalando com força, ela colocou uma mão na parede e se levantou, deixando uma mancha vermelha. Ficou de joelhos e se arrastou mais para dentro da caverna, para longe das lufadas pungentes do vento. Sua boca estava com gosto de sal. Ela ergueu uma mão ensanguentada até a bochecha e percebeu que estava chorando.

Sonhara com uma praia. Nuvens de areias brancas esvoaçavam atrás de seus irmãos enquanto eles corriam até a beira do mar. Ela se apressava para alcançá-los, desesperada para ser a primeira a pegar um caranguejo. Sua irmã Alea os observava do barranco, o riso dela saltando pela brisa.

Danae quase não reconhecia sua versão mais jovem correndo pela costa. Aquela infância parecia pertencer a outra pessoa, como se estivesse se escondendo nas memórias de uma desconhecida. Ela olhou para as mãos machucadas e lembrou o que elas haviam feito – o que ela havia feito para chegar ali.

Tinha dezoito anos ao deixar Naxos. Agora deveria ter quase vinte. Pareciam ter se passado dias e décadas, tudo de uma vez. Pensou em seus

pais, seus irmãos e seus sobrinhos pequenos. Durante tudo aquilo, eles foram sua âncora. Ela se agarrara à esperança de voltar para eles, mas agora, quando tentava invocar seus rostos, eles deslizavam por sua memória como fumaça.

Ajeitou a pele de leão pendurada sobre os ombros. A bocarra da fera se abria por cima da cabeça dela, com as presas repousando em suas têmporas. A juba desgrenhada escorria pela extensão de suas costas. Diziam que a pele, extraída do infame leão de Nemeia pelo maior herói que já existiu, era impenetrável.

Seu estômago revirou ao imaginar Hércules descobrindo que aquilo fora roubado. A necessidade dela era maior do que a dele, mas não conseguia parar de imaginar a expressão no rosto do herói no momento em que percebesse que ela o traía.

— Basta — murmurou para a caverna vazia.

Ela colocou a mão dentro da bolsa e tirou de lá um vestido preto, então começou a cortar tiras de tecido com sua lâmina. Assim que envolveu os dedos, ela inspecionou seu arsenal. Tinha uma faca, um odre, uma lasca de ônfalo, seu cachimbo, uma bolsa de ervas quase vazia, uma algibeira com dracmas, seu manto escuro como a meia-noite e um biscoito murcho e meio.

Seu estômago grunhiu. Depois de suspirar, cautelosamente, ela comeu meio biscoito e virou o odre de água nos lábios.

Praguejou.

A água estava congelada. Apertando-o sob o casaco de pele, ela arfou quando o recipiente gelado incomodou sua pele. Com sorte, o calor de seu corpo derreteria a água, ou ela morreria de sede antes de chegar ao cume.

Seus olhos pairaram sobre o último biscoito, então ela percebeu a marca no chão da caverna. Uma ranhura entalhada na rocha. Um par de arranhões de garras. Esquadrinhando o solo, encontrou mais. Ela franziu a testa. Que ave faria ninho em uma condição tão pífida?

Ela rastejou mais para dentro da caverna, a esperança tremulando em seu peito. Se houvesse um ninho, poderia ter ovos. Quanto mais ela adentrava, mais a luz diminuía. No entanto, a caverna enganava e era maior no fundo. O teto se expandia para cima em um tipo de antecâmara, alto o bastante para ela se levantar.

Seu pé esmagou algo duro. Ela se curvou e pegou um pedaço de osso. *Deve ser uma ave grande.* Grande o bastante para pegar uma presa do porte

de uma cabra, a julgar pelo tamanho do osso. Ela se espremeu contra a parede, permitindo que o máximo de luz fluísse até o fundo da caverna.

O chão estava abarrotado de objetos. Gravetos, moedas, rochas, cacos de cerâmica, pedaços de tecido e fragmentos do que um dia devia ter sido uma armadura. Sua pulsação acelerou. Nenhuma ave era acumuladora assim.

Um guincho agudo cortou a fúria da tempestade. Danae se jogou na direção da entrada da caverna, remexendo para pegar sua faca. Um momento depois, um amontado de penas disparou para a frente, com as garras arranhando a rocha.

À primeira vista, ela acreditou ser uma águia. Uma cabeça penada pairou em sua direção, os olhos amarelos selvagens e o bico curvo com gelo na ponta. O animal preenchia a caverna, as asas fulvas bloqueando a luz ao atingirem as paredes inclinadas. Então, Danae viu o resto do corpo.

Das asas para baixo, a criatura tinha torso, patas e cauda de leão. As pernas da frente eram grotescas, híbridas de dois animais, fortes e musculosas como se fossem de um gato gigante, mas escamadas como as de uma ave, terminando em longas garras arqueadas.

Era um grifo. Uma criatura da qual ela só ouvira a lenda. Em outra vida ela teria ficado petrificada, mas aquela fera era apenas uma gota no oceano de horrores que a garota havia enfrentado.

Meio cega pela escuridão, mergulhou para escapar das garras do grifo. Não foi rápida o bastante: ela gritou quando as garras esfolaram seu antebraço, chegando à pele por baixo da cobertura de leão. Atacou com a faca, mas só conseguiu cortar a ponta de uma asa. O grifo soltou um som gutural, algo entre um berro e um rugido, e seu ataque se tornou mais frenético.

Ela estava tão cansada. Não conseguiria continuar com aquilo por muito tempo.

Mas sempre havia outro jeito.

Ela arfou, batendo o cotovelo na parede da caverna quando se jogou contra a rocha para desviar de outro golpe. Não, estava fraca demais para usar seus poderes. Seus antebraços já estavam rasgados em pedaços sangrentos, e ela mal tinha forças para continuar escapando das garras do grifo.

O que Hércules faria? Embora tivesse a vantagem da força sobrenatural, ele lutara contra dúzias de criaturas mais terríveis do que aquela e

sobrevivera. Sem usar seus poderes, tudo que ela tinha era uma faca e uma pele de leão impenetrável, que poderia ser arrancada de suas costas com a mesma facilidade com que se arrancam asas de borboletas.

A pele de leão.

O grifo disparou contra ela de novo. Se aquilo desse errado, Danae morreria. A criatura quase a tinha guiado até o fundo da caverna. Em pouco tempo estaria pressionada contra uma parede sólida de rochas, então a fera a despedaçaria de qualquer forma.

Ela baixou a cabeça, assim o rosto do leão ficaria apontado diretamente para o grifo, e rugiu com tudo de si.

Apenas por um momento, a criatura hesitou.

Apertando a faca com as duas mãos, Danae impulsionou a arma para cima com todo o peso de seu corpo. A lâmina afundou pelas penas até a carne. O guincho do grifo se empoçou na garganta quando a faca perfurou sua traqueia. Sangue jorrou pelas mãos de Danae. Ela aguardou enquanto a fera se remexia, soltando apenas quando o animal despencou no chão.

Danae também queria despencar, mas primeiro precisava agir. Em alguns momentos, o poder da força vital do grifo se perderia. Ela colocou a mão sobre a ferida, sentindo o ritmo da pulsação decrescente.

Sua visão duplicou. Por cima do mundo físico estavam os fios brilhantes de energia que animavam todas as coisas vivas. Ela os via por baixo da própria pele, correndo por suas veias, sempre se movendo em uma tapeçaria cíclica de poder. E lá estavam os fios da vida do grifo, escorrendo pelos dedos dela e desaparecendo na escuridão enquanto a criatura morria. Deixou sua mente focar e compeliu cada uma das linhas a irem em sua direção. Os fios da vida mudaram de curso e começaram a fluir para a palma de sua mão, serpenteando por seu braço para se juntar à teia de luz que se estendia por seu corpo inteiro.

Os olhos do grifo ficaram opacos quando a última linha se enrolou nos dedos de Danae. A dor em seus membros derreteu, e suas feridas se fecharam assim que a força vital da criatura percorreu suas veias. Ela sentou e absorveu a euforia de conter tanta vida.

Tanto poder.

I. TRÊS ANOS ANTES

DA CAVERNA

— Justo hoje, dentre todos os dias! — A mãe de Danae fazia alvoroço pelo franzido na túnica da irmã. — Vamos nos atrasar!

Danae estava absorta na grande rede de pesca aberta sobre a mesa de madeira que dominava o centro da pequena cabana. O pai e ela trabalhavam juntos para desembaraçar a rede. O rosto dela estava tenso pela concentração, e as palavras da mãe não passavam de ruídos de fundo.

Alea se esgueirou dos dedos invasivos da mãe e atravessou o cômodo, segurando o braço de Danae.

— Anda, não vamos parar de ouvir sobre isso se não sairmos agora.

— Se você sujar esse vestido... — A mãe parou na porta com as mãos nos quadris.

— Só mais esse... último... — Danae agarrou um pedaço resistente de linho entre as unhas e o torceu.

Ela foi recompensada pelo suspiro satisfeito do pai quando a rede se desenrolou em seu padrão original.

— Obrigado, filha. Suas mãos são tão astutas. Agora vá.

Ela sorriu e estava prestes a seguir a irmã quando percebeu uma sombra perpassar o rosto desgastado do pai.

— O senhor está bem, pai?

— Vou ficar se vocês não se atrasarem. Vão. — Com um empurrão suave, ele a conduziu em direção à porta.

A mãe guiou as meninas pelo quintal, então parou na entrada para apertar a mão do marido.

— Odell, elas não serão escolhidas — sussurrou ela. — Sei que a colheita não tem sido abundante este ano, mas isso não quer dizer que Deméter vá exigir... — Ela inspirou fundo. — Mesmo se o fizer, Alea está

noiva, e Danae... — Ela encarou a filha mais nova. — Bem, costumam escolher as garotas mais discretas.

O pai beijou os dedos da mãe. Ele estava com aparência melhor de novo, um homem cujas preocupações haviam deslizado dos ombros, como água sobre uma madeira lubrificada.

Mopso e Pélops saíram trotando do alpendre na lateral da cabana para investigar a comoção. Danae afastou o olhar dos pais e ergueu a mão para acariciar o focinho de Mopso, enquanto a cabra enfiava a cabeça através da madeira de seu cercado.

Depressa, Danae fuçou o bolso de sua túnica e tirou de lá um bolo de mel amassado.

— Não me dedure — sussurrou ela quando a cabra o devorou e depois lambeu os farelos da palma de sua mão.

— Ande, Danae! — Sua mãe passou por ela, conduzindo Alea para fora do portão e indo para a trilha de terra.

Danae acariciou uma última vez a orelha da cabra antes de correr atrás delas.

— Seja boazinha com sua mãe — gritou o pai, sua silhueta esguia na porta. — Traga bênçãos para nosso povoado!

Danae sabia que aquilo era direcionado a ela. A garota virou e deu uma piscadela para ele, depois disparou na direção da aglomeração de mulheres que seguiam pela estrada costeira.

A oeste, o sol morrendo derramava o dourado pelas ondas turquesa. Apesar do calor no solo, Danae estremeceu com a expectativa. Ela olhou para a mãe e para a irmã. Eram tão parecidas; as duas altas e delicadas, coroadas com os mesmos cachos castanho-avermelhados, a pele em um tom claro de marrom e pintada por sardas. Danae sempre ouvira que se parecia com o pai. Ela se orgulhava de ter os traços fortes dele, mas ninguém nunca a chamara de bonita.

A aglomeração aumentou quando mais mulheres se juntaram à procissão, o ar agitado com o ciciar das cigarras e as conversas frenéticas. Era a única ocasião na qual era permitido que todas as mulheres de Naxos saíssem sem seus homens. Naquela noite, todo ano, mulheres de toda parte da ilha faziam a peregrinação do interior até o templo de Deméter para a Tesmofória.

Era vital honrar a Deusa da Colheita naquela noite sagrada. Se Deméter ficasse descontente com a oferenda delas, as safras do ano seguinte seriam um fracasso e as crianças nasceriam sem vida. E naquele ano tanto as safras de trigo como as de cevada tinham sido prejudicadas por pulgões.

Evidentemente, as oferendas do ano anterior não haviam sido suficientes, e, se a deusa não fosse aplacada pelos presentes daquela noite, apenas uma coisa saciaria sua fúria.

Danae presenciara quatro sacrifícios humanos na vida, e a cada ano que a colheita era fraca a ameaça circulava sobre a cabeça das garotas que não eram casadas – como urubus sobre carniças. Contudo, ela não estava com medo. Como a mãe dissera, as sacerdotisas sempre escolhiam o sangue de garotas descompromissadas e dóceis para acalmar a deusa. Nunca alguém que irritava a mãe tanto quanto ela.

Danae olhou as mulheres ao redor, com suas faixas de tecidos coloridos. As esposas da ilha ostentavam as melhores roupas, enquanto as filhas virgens pareciam cordeiros, desajeitadas atrás delas, com suas túnicas brancas. Algumas escondiam bem o medo, outras não conseguiam impedir os lábios de tremerem.

Cabeças se inclinavam quando ela passava. Algumas eram sutis, outras encaravam sem pudor. Ela segurou a bainha cerzida de sua túnica cinzenta, repentinamente estrangida. Erguendo o olhar, quase viu alguém a encarando, mas o olhar da mulher deslizou para repousar sobre Alea. Ninguém estava olhando para ela.

A faixa que sua mãe apertara em volta de seus cachos estava pinicando, e ela afastou o tecido persistente para coçar com os dedos.

Sua mão foi afastada com um tapa.

— Deixa isso quieto. — Sua mãe suspirou. — Já está parecendo um ninho de passarinho.

Danae olhou para a irmã e revirou os olhos.

Alea soltou um risinho, depois sussurrou:

— Eu acho seu cabelo lindo.

Ela sabia que não era verdade, mas amava a irmã por tentar. Não havia um cacho fora do lugar sobre a cabeça de Alea. Ela usava uma notável faixa verde tecida com espigas de milho amarelas. Era a faixa que a mãe delas usara no dia do próprio casamento. Não era por acaso que as pessoas encaravam; Alea estava mais bonita do que a própria deusa da colheita.

Não que Danae um dia fosse dizer isso em voz alta. Os deuses estavam sempre escutando.

— Eleni!

Melia, a esposa do ferreiro, serpenteou até elas pela multidão. Suas filhas, ambas vestindo branco, seguiam atrás dela. As duas famílias navegaram pela fluxo de corpos, até estarem caminhando lado a lado.

Tanto Eleni como Melia abriram a boca para o cumprimento sagrado na mesma hora, mas a esposa do ferreiro foi mais rápida.

— Que os Doze te enxerguem e reconheçam — disse Melia, os lábios se esticando em um sorriso de satisfação.

Claro que Melia se garantiria em ser a primeira a dizer as palavras que davam boas-vindas aos deuses em cada fissura de suas vidas. A mãe de Danae sorriu graciosamente e tocou a testa com o dedo do meio, demonstrando que retribuía o sentimento.

Melia olhou Alea de cima a baixo.

— Ah, ela não está maravilhosa? — Ela se aproximou sem diminuir a voz. — Você precisa me avisar quando será o casamento. Vai ser o evento da temporada! Isso, claro, se Odell conseguir arcar. — Ela deu tapinhas no braço de Eleni. — Bem, você não vai precisar se preocupar com isso por muito tempo. Nada menos do que o filho de um mercador, ainda não posso acreditar.

Danae mordeu a parte de dentro da bochecha. Odiava ter de ser educada com os mexericos odiosos do povoado. Ela olhou para Alea e ficou tensa ao ver o vermelho intenso que se espalhara pelo rosto da irmã.

O noivado de Alea era incomum, e nem todos tinham ficado satisfeitos. Cochichavam pelo povoado que seu pretendente estava se rebaixando por se casar com a filha de um pescador. Ainda havia boatos de que ele a comprometera e fora forçado pelos pais a se casar.

Todos podiam ir para o Tártaro, na opinião de Danae.

— Tenho certeza de que será mais fácil encontrar um pretendente para Danae quando Alea estiver casada. Não tem nenhum filho de pescador para se casar com ela?

Alea tentou alcançar a mão da irmã, mas era tarde demais.

— Alguma de suas filhas está prometida, Melia?

A esposa do ferreiro pestanejou como se tivesse esquecido que Danae estava ali. Ela abriu a boca e parou antes que seus lábios formassem a palavra “não”.

— Bem, então talvez a senhora deusa mantenha seus conselhos para si.

— Perdoe-me — murmurou Eleni quando Melia ficou carmim como um pôr de sol. — Deveríamos... vemos vocês no festival!

Sem dar chance para a outra mulher responder, ela segurou as mãos das filhas e as arrastou pela multidão.

— Danae — disse sua mãe, cansada.

— Desculpa, mas ela sempre fala como se estivesse com um dos atiradores do marido enfiado na bunda.

Alea riu baixinho. A mãe suspirou.

— Você não pode falar o que pensa sempre que quiser.

Danae olhou para a irmã, que sorria, encorajando-a. Alea estava noiva de um homem rico cuja companhia ela podia tolerar; sendo uma mulher, não se podia desejar mais do que isso. Danae deveria estar feliz pela irmã. Ainda assim, um peso familiar se arrastou por seu peito quando pensou no iminente casamento de Alea. Era egoísmo, mas estava apavorada. Ela seria a última filha em casa. Seus irmãos, Calix e Santos, se mudaram havia muito tempo para as próprias cabanas, onde teriam espaço para as crescentes proles. Ela sentia saudade deles, mas com Alea a sensação era de que perderia metade de si.

Aos dezesseis anos, ela era apenas um ano mais nova do que a irmã e sabia que era esperado que ela também começasse a própria família. Percebera isso desde que os olhares de homens começaram a se demorar mais quando ela passava. O desejo deles a incomodava. Contudo, não fora por isso que recebera com sua língua afiada cada um dos camponeses e pescadores que ousaram se aproximar. Assim que uma mulher se casava, ela ficava presa ao lar do marido, e homens tolerantes como seu pai eram uma estirpe rara.

O desejo de se casar bem parecia dominar as mentes de todas as garotas do povoado, mas nem mesmo um marido rico podia comprar a liberdade de Danae.



À medida que a procissão serpenteava pela ilha, a ansiedade queimava mais o estômago de Danae. Ela já conseguia ver o templo de Deméter. Ladeadas por montes protetores, as colunas de pedra branca eram inflexíveis contra os ouros e os verdes resolutos da terra ao redor. Aquilo sempre

a fizera pensar nos ossos de um grande leviatã, descarnado e cintilando depois de ser lavado na costa séculos atrás.

A multidão estava se afunilando na estrada ladeada pelos ciprestes altos. Então o sol mergulhou atrás dos montes, e uma cavalgada de sombras alcançaram o caminho floral que levava até o templo; a escuridão havia caído. Os braseiros foram acesos, a fumaça deles se embaralhando ao aroma doce das flores para formar uma mistura inebriante.

O jardim do templo era um oásis de flora e folhagem que nunca sobreviveria sem o cuidado zeloso das ajudantes do templo e da água que elas andavam quilômetros todos dias para buscar. As opulentas flores das fúcias se aninhavam em arbustos de céreas folhas esmeralda, e canteiros de flores amarelas e laranja eram cercados por aglomerados de pequenas pétalas azuis como o oceano. Até mesmo na luz do braseiro as cores eram vibrantes.

— Eleni, Danae, Alea! Aqui! — gritou Kafi, a cunhada de Danae, acenando com vigor do outro lado do jardim.

Ela guardara o lugar de costume para elas. Ao seu lado estava a esposa de Calix, Carissa. Uma mulher bonita, que parecia mortificada pelos olhares de desaprovação conquistados pela voz estrondosa de Kafi.

Elas abriram espaço pela multidão para irem em direção às duas mulheres. Kafi se aproximou de Danae, com seu sorriso grande e de dentes separados, e a puxou para um abraço apertado. Danae gostava da cunhada. Ela era espalhafatosa, impenitente e escolhera se casar com o irmão de Danae, Santos, porque quando eles se conheceram – segundo Kafi – ele a fizera rir tanto que ela quase passou mal.

Kafi a soltou, e Danae voltou a atenção para o templo. Um altar temporário fora erguido na frente da construção sagrada. Era uma pilha alta, com tigelas de figos maduros, maçãs crocantes, romãs e um amontoado de cestas carregadas de vegetais. Sacas de grãos, barris de peixe, ânforas cheias de azeite e tigelas de bronze com vinho diluído em água repousavam pela base. Os homens de cada lar haviam entregado os produtos mais cedo naquela manhã, junto com o décimo mensal do templo. Cada família deu mais do que podia ceder.

A barriga de Danae rugiu. Elas estavam de jejum desde o amanhecer em homenagem à recusa de Deméter em comer quando sua filha, Perséfone, fora tomada como refém por Hades, o Deus do Submundo.

Enquanto encarava as oferendas, Danae percebeu um estremecimento ao lado do altar. O ar oscilou como se algo o estivesse distorcendo. Por um momento inquietante, ela pensou ter visto um par de olhos vermelhos desencorpado. Então piscou e eles sumiram. Deviam ser a fome e o aroma intoxicante do jardim pregando peças.

Então, as batidas dos tambores interromperam as conversas da multidão.

— É agora — sussurrou Alea.

Danae segurou a mão da irmã.

Três mulheres emergiram do templo. Elas andavam devagar, com determinação. A primeira sacerdotisa vestia verde, uma faixa de ouro na testa e heras serpenteando por seus braços. Ela era Deméter. A segunda usava uma túnica carmim escura, o rosto coberto por uma máscara medonha com chifres retorcidos. Hades. A terceira estava de branco, seu vestido fino flutuava na brisa da noite. Ela era a filha de Deméter, Perséfone. Quatro ajudantes do templo andavam atrás delas, tocando grandes tambores presos ao pescoço por tiras de couro.

Quando a procissão chegou ao altar, as sacerdotisas ficaram lado a lado diante das oferendas. As três ergueram os braços. Pintado na palma da mão de cada uma estava o olho que tudo vê, o símbolo da onipotência dos deuses do Olimpo. Deméter era a deusa tutelar de Naxos, mas todos os doze deuses compartilhavam o domínio sobre vidas mortais.

As sacerdotisas baixaram as mãos para encarar a multidão, apontando os olhos dos deuses para as mulheres de Naxos.

A congregação se tornou imóvel como um céu sem vento.

A boca de Danae estava seca. Aquele era o momento do julgamento, quando os Doze entrariam em suas almas e revelariam o que havia por dentro. Eles saberiam se alguém estivesse retendo algo que deveria ter sido ofertado.

Não havia como esconder algo dos deuses.

— Que os Doze te enxerguem e reconheçam — entoaram as sacerdotisas.

Em resposta, todas as mulheres levaram um dedo à testa.

A sacerdotisa Deméter cantou uma nota aguda e extensa. Suas irmãs se juntaram a ela, as três vozes se mesclando em uma. Então a sacerdotisa Hades recuou para as sombras e Deméter e Perséfone deram os braços e começaram a dançar.

Danae sorriu. A apresentação era sua parte favorita da cerimônia.

As sacerdotisas rodopiaram e saltitaram, as batidas dos tambores seguindo os seus pés. O coração de Danae acelerou à medida que o ritmo aumentava.

De repente, Hades saiu do escuro e agarrou o braço de Perséfone, girando para longe do altar. Danae arquejou, apesar de já ter visto a apresentação muitas vezes. Os tambores ficaram mais lentos, e Deméter fingiu procurar pela multidão. Incapaz de encontrar a filha, ela colapsou no chão, com a cabeça nos braços. Então Hades e Perséfone ressurgiram e pararam diante do altar. Hades colheu uma romã de uma tigela de bronze e a perfurou com os dedos. O líquido escuro como vinho escoou por seus braços enquanto ela oferecia metade da fruta para Perséfone.

A multidão gritou para que ela não pegasse. Todos sabiam que, ao comer a fruta do Submundo, Perséfone seria condenada a permanecer com Hades por toda a eternidade. Os gritos aumentaram quando Perséfone pegou a romã e ergueu aos lábios. O suco fluíu pelo queixo da sacerdotisa, manchando o vestido branco.

As mulheres arquejaram de novo. Um estandarte surgiu atrás dos tambores. As tocadoras se separaram, curvando-se o máximo que o instrumento permitia. No topo de um longo cabo, carregado por uma ajudante do templo que transpirava, estava uma águia dourada. O símbolo de Zeus, o Rei dos Deuses. Um silêncio recaiu sobre a multidão. Deméter se prostrou diante do pássaro grandioso, então se ergueu, com o rosto lavado em lágrimas – essa parte sempre impressionava Danae –, e caminhou até parar diante de sua filha.

— Perséfone comeu seis sementes de romã — disse a sacerdotisa Deméter. — Assim, o Pai da Humanidade, em sua sabedoria infinita, decretou que ela permanecesse no Olimpo com sua mãe por seis meses ao ano. Durante esse tempo jubiloso, Deméter abençoa a terra com vida e abundância. Contudo, pelos seis meses que restam, Perséfone deve viver no Submundo, com Hades. Durante esses meses terríveis, a terra fica fria e seca com o luto de Deméter.

A multidão curvou a cabeça em compaixão ao sofrimento da Deusa da Colheita.

— Esta noite, mulheres de Naxos, nós louvamos aquela que abençoa esta terra fértil. Louvamos aquela que protege nossas colheitas de pragas. Louvamos aquela que provê para nós, para que possamos brotar e que nossos filhos possam prosperar. Deméter, oramos para que continue a

zelar por todas nós que estamos aqui esta noite, por nossas famílias em casa e por aqueles que se juntaram aos desaparecidos. Oramos para que, um dia, eles retornem para nós.

Os desaparecidos eram pessoas que tinham sumido. Isso vinha acontecendo desde que todos se lembravam. Vez ou outra alguém simplesmente desaparecia. A média em Naxos era de cinco pessoas por ano. No continente era bem maior. Nem mesmo as sacerdotisas conseguiam explicar. Apesar de suplicarem a Deméter todo ano para que trouxesse de volta os desaparecidos, até o momento ninguém tinha retornado.

— Deméter, zele por nós — murmurou a multidão.

Duas ajudantes do templo caminharam para a frente, guiando um porco enorme até o altar. Essa era a parte de que Danae menos gostava. As batucadas voltaram, lentas e firmes.

As sacerdotisas acariciaram as costas do animal, arrulhando enquanto se mantinham paradas na frente do altar. Outra ajudante do templo correu adiante e se abaixou em um joelho, com uma lâmina prateada equilibrada sobre as palmas de suas mãos viradas para cima. A sacerdotisa Deméter fechou os dedos em volta da faca e a ergueu alto sobre a cabeça.

Um faixo do reflexo do luar cortou o ar. Os tambores chegaram a um crescendo quando o animal guinchou. O sangue respingou na sacerdotisa. Ela cortou a barriga do animal e seguiu com a incisão. Arrancando os intestinos, ela os ergueu ao luar. Os órgãos cintilavam enquanto ela os percorria com os dedos, inspecionando cada um dos segmentos.

A multidão estava muito quieta, nenhuma respiração era ouvida.

A sacerdotisa colocou a víscera na tigela de bronze sob o altar e se virou para encarar as mulheres de Naxos.

— Os presságios se pronunciaram. Deméter vê tudo, ouve tudo, sabe de tudo. Ela olhou em seus corações, e os achou escassos.

Houve arquejos. Alguém gritou:

— Mas nós demos tudo o que temos!

— Suas oferendas não são o bastante — continuou a sacerdotisa. — Alguém entre vocês escondeu o que deveria ter sido dado a Deméter. Alguém pensou que podia mentir para a deusa.

Algumas das meninas mais novas começaram a chorar. Os dedos de Danae se apertaram em volta da mão da irmã. A mãe envolveu as duas com os braços com tanta firmeza que suas unhas afundaram na pele de Danae.

A sacerdotisa ergueu uma mão pintada para passá-la sobre a multidão, enquanto a outra mão desenhava uma mancha de sangue em sua testa. As costelas de Danae apertaram seu pulmão quando a mão chegou mais perto. Então parou.

A sacerdotisa fez sua escolha e apontou.

— Não!

Melia agarrou as filhas quando o olhar da sacerdotisa repousou na sua menina mais nova.

As ajudantes do templo irromperam pelo povo. A esposa do ferreiro soluçava, recusando-se a abdicar de sua filha enquanto tentavam puxá-la para longe.

Um berro cortou a ar. Assustada, Danae olhou em volta, mas tudo o que podia ver era sua confusão refletida nos rostos ao redor.

Elas apareceram de lugar nenhum, descendo de arbustos e saltando de trás das árvores, com as mãos emaranhadas em galhos e samambaias. Pelo menos vinte mulheres, completamente nuas.

Eram as mônades, seguidoras de Dionísio, o Deus do Vinho e do Prazer. Mulheres que haviam abandonado as famílias para viver livres nas florestas. Diziam que elas cediam a mente por completo ao deus delas, bebendo tanto de seu vinho que caíam em um transe extático, e se apresentavam com danças frenéticas para satisfazer os dedos lascivos dele. Os rumores chegavam a dizer que, durante um de seus rituais, elas despedaçaram um bebê, membro a membro, com as próprias mãos.

Como lobos em meio a um rebanho de cabras, as mônades dispersaram a multidão, suas risadas ecoando pelo jardim. Estátuas foram viradas, canteiros de flores foram pisoteados e elas enfiavam as oferendas na boca. Só conseguiram devorar alguns punhados antes de as ajudantes do templo as afastarem, mas o estrago estava feito. Deméter ficaria furiosa.

Eleni agarrou as mãos de Danae e Alea.

— Não se afastem, meninas.

Ela saiu com as duas às pressas na direção do caminho florido, mas o pânico infectara a multidão e as três foram agredidas por mulheres apavoradas, tropeçando umas nas outras na tentativa de fugir.

Melia esbarrou nelas com as filhas, tendo libertado a mais nova das ajudantes do templo, e se chocando contra Danae com tanta força que a garota foi arremessada ao chão. Um estouro de pernas a esmagou. Ela precisava

voltar até a mãe e a irmã, mas o ataque violento de corpos a manteve pressionada ao chão. Ela ergueu os braços e se encolheu para se proteger. Então alguém a segurou e a arrastou para fora da turba arrasadora. Ajudaram a colocá-la de pé e ela se viu encarando o rosto de uma das mônades.

Seus músculos enrijeceram, a respiração ficou presa no pulmão, enquanto esperava que a mulher atacasse.

Os olhos da mônade se esbugalharam de preocupação.

— Você está ferida?

Danae abriu a boca, mas estava espantada demais para falar. Ela meneou a cabeça.

— Ótimo. — A mulher abriu um enorme sorriso, deu um tapinha em seu ombro, depois disparou em direção aos arbustos.

— Danae! — Sua mãe veio lutando contra a multidão. — Graças aos deuses, pensei que tivesse te perdido! — Ela puxou a filha para um abraço apertado. — Onde está sua irmã?

— Pensei que ela estivesse com você.

Sua mãe empalideceu. Ela cerrou a mão com força em volta do pulso de Danae, depois a puxou de volta à multidão.

— Alea!

O coração de Danae palpitava em um ritmo nauseante. Ela também clamou pela irmã, esquadrinhando cada rosto que passava apressado, mas não havia sinal de Alea.

Elas procuraram pelo jardim até sua garganta estar esfolada e todos terem desaparecido, exceto pelas ajudantes do templo que haviam sido deixadas para limpar os destroços.

— Você viu minha filha? Vestido branco, faixa verde, parecida comigo — entooou Eleni pela centésima vez, com a voz rouca.

O homem balançou a cabeça e continuou a varrer uma pilha de cacos de cerâmica.

Danae virou para a mãe.

— O que fazemos agora?

Eleni, que sempre tinha uma resposta, disse:

— Eu não sei.

2. DUAS FILHAS

Quando Danae e a mãe voltaram para casa e contaram para o pai que Alea tinha desaparecido, Odell imediatamente correu para juntar seus irmãos e procurar pela ilha.

As notícias do que acontecera na Tesmofória se espalharam depressa pelo povoado. Portas receberam barricadas e o olho que tudo vê dos Doze foi aplicado nos dintéis. Havia pouco que os nativos da ilha pudessem fazer para exigir a punição das mônades. No passado, foram feitas tentativas de descobrir o acampamento delas, mas os homens que as caçavam sempre voltavam ensanguentados e agredidos, balbuciando que Dionísio protegia seu rebanho. O povo de Naxos teria de deixar a punição para os deuses.

Na tarde seguinte, a notícia sobre o desaparecimento de Alea havia chegado até seu noivo.

Filemon era um homem magro de vinte anos com pele leitosa, cabelo cor de areia e olhos infelizes. Para Danae ele parecia uma espiga de milho. Ela e a mãe estavam arrumando a cobertura do alpendre das cabras quando ele e o pai avançaram pela estrada. Tadeu não podia ser mais diferente do filho. Era atarracado e otimista, vestia uma túnica bordô que não ajudava suas bochechas róseas. Ele abriu o portão do quintal, enquanto Filemon se apressava atrás do pai.

— Odell! — bradou ele, secando gotas de suor da testa com a mão grande.

A mãe de Danae se aproximou depressa para recebê-los.

— Tadeu. — Eleni inclinou a cabeça, balbuciando o cumprimento sagrado.

Ele respondeu, depois passou por ela para colocar a cabeça para dentro da porta da cabana.

— É verdade? A pretendente de meu filho fugiu com as mônades?

— Como ousa...? — Danae começou a falar, mas sua mãe a interrompeu.

— Minha filha estava apavorada quando aquelas mulheres atacaram no festival. Ela nunca fugiria com elas. Alea se perdeu na desordem, mas Odell está cuidando disso. Não há necessidade de se preocupar. Ela logo estará em casa.

Tadeu não parecia convencido.

— Bem, se ela não partiu com aquelas meretrizes, deve ter se juntado aos desaparecidos. — Ele se virou para o filho e meneou a cabeça. — Essa sua escolhida.

Filemon olhou para os pés.

Danae afundou as unhas nas palmas das mãos.

— Alea não se juntou às mônades ou aos desaparecidos. Meu pai e meus irmãos estão por aí procurando agora. Eles vão encontrá-la.

Tadeu se virou para Eleni como se tivesse sido ela a falar.

— Se por algum milagre a encontrarem... — Ele parou. — É bom que ela esteja intacta.

Danae sentiu como se ele tivesse lhe desferido um soco. A vergonha. Ela se imaginou pegando a lança de pesca do pai e a enfiando no rosto de Tadeu.

— Claro que estará. — Sua mãe fez o máximo para manter a raiva longe da voz, mas Danae percebia, pela veia pulsando na têmpora de Eleni, que ela também estava furiosa.

— Pai. — Filemon deu meio passo à frente, com os olhos ainda firmemente presos no chão. — Quero ajudar na busca.

— É uma perda de tempo.

Filemon reuniu coragem para encarar o pai.

— Por favor.

Tadeu suspirou e esfregou o rosto.

— Por onde eles procuraram?

— Eles olharam nos campos em volta do templo e no nosso povoado. Seguiram para Sangri esta manhã.

Tadeu assentiu.

— Vamos levar meu barco para o outro lado da ilha. Ver se alguém lá sabe de algo.

— Agradeço. — Eleni remexeu as mãos.

Tadeu respondeu com um “hum” áspero que fez Danae estremecer até os dentes. Se eles não fossem embora logo, ela temia dizer algo de que se arrependeria.

— Nós vamos encontrá-la — disse Eleni para Filemon. — E você dois irmãos se casar mais cedo do que imagina.

A mãe apresentava uma máscara de coragem, mas Danae sentia que a confirmação era, na verdade, para si mesma.

O garoto abriu um sorriso fraco para Eleni.

— Vamos, filho. Precisamos trabalhar. — Tadeu colocou uma mão no ombro de Filemon e o conduziu quintal afora.

Danae os observou se afastando pela estrada.

— Estúpido!

— Graças aos deuses o filho não é como o pai — balbuciou Eleni. — Tenho pena da coitada da mãe.

Danae olhou para as palmas de suas mãos e para a fileira de marcas em lua crescente feita por suas unhas.

— Mãe, e se Tadeu estiver certo? — ela hesitou. — Acha que Alea se juntou aos desaparecidos?

— Ouça bem — disse a mãe, com o calor abrasador de uma lâmina recém-forjada. — Seu pai vai encontrá-la. Só precisamos ser pacientes.

Danae assentiu sob o olhar feroz da mãe. Tudo que podiam fazer era esperar.

Era a hora azul. Aquele período silencioso entre a noite e o dia, quando a lua some antes de o sol se erguer, e o céu não pertence a ninguém.

Danae correu até a praia, um balde vazio balançando na mão. Normalmente ela não saía da cabana sozinha, mas não conseguia dormir, e sua mãe se cansara de seu caminhar incessante, então a mandara “fazer algo de útil”. Nesse caso, coletar salmoura para o queijo que faziam com o leite de Mopso. Ela ficou contente. Se passasse mais tempo esperando na cabana, perderia a cabeça.

Diminuiu o ritmo quando o caminho de terra deu lugar à areia branca. O pinicar dos grãos entre seus dedos era um conforto familiar. Aquela era

a praia na qual ela crescera. Tinha aprendido a nadar e pescado seu primeiro peixe naquelas ondas. Ali era seu verdadeiro lar.

Ela disparou correndo, com o balde batendo contra a lateral do corpo. Não tinha muito tempo e precisaria fazer valer cada momento de liberdade da supervisão de sua mãe. Assim que chegou até as rochas, começou a subir.

Com o balde pendurado no ombro, Danae escalou a rota gasta até o rochedo perto da água. Assim que chegou ao topo, andou devagar pela superfície sulcada até poder ver a baía escondida lá embaixo.

Ela deixou o balde cair com um estrondo, passou a túnica pela cabeça e tirou as sandálias. Um tremor de expectativa perpassou seu corpo quando mergulhou. Elegante como uma flecha, ela repartiu o mar, a água gelada afogando a tensão de seus membros bronzeados. Ela precisava daquilo. Por mais que quisesse estar em casa quando as novidades sobre a irmã chegassem, o mar era um bálsamo para seus pensamentos acelerados. Além do mais, não ficaria ali por muito tempo.

Danae emergiu, inspirou uma grande quantidade de ar, depois mergulhou de novo.

A baía guardava um segredo. Danae gostava de pensar que era algo que só ela sabia.

Ela abriu os olhos. A água salgada ardia, mas ela estava acostumada. Então as ruínas entraram em foco. Danae nadou para baixo, para além da faixa de algas marinhas até as rochas esquecidas havia muito tempo.

Devia ter sido um lugar especial. Muitos dos pedaços estavam lisos, erodidos pela maré, mas alguns ainda continham marcas. Ela nadou, seguindo o padrão circular, até sua pedra favorita. Era quase tão alta quanto ela e emergia do leito do mar como um dente solitário. Havia uma árvore entalhada ali, com os galhos curvados com frutas que em sua maioria haviam sido apagadas pelo oceano. Ela esticou a mão e traçou a ranhura do tronco.

Havia algo na imagem que a fascinava. Talvez a pedra um dia tivesse feito parte de um templo. Provavelmente construído em homenagem a Poseidon, o Deus do Mar.

Ela espalmou a mão contra os entalhes.

Por favor, zele por minha irmã, senhor Poseidon. Ajude meu pai e meus irmãos a trazerem-na para casa.

Seus pulmões começaram a doer. Com relutância, ela deixou as ruínas e bateu as pernas em direção à superfície. Rompeu a água e inspirou profundamente o ar fresco e salgado. Deitando de costas, ela encarou o céu claro através das gotas nos cílios.

Seu pai costumava chamá-la de pequena Nereida, sua ninfa marinha. Mesmo quando era bebê, ela amava a água. Quando era pequena, pulava atrás de cardumes de atuns, desejando desesperadamente ter barbata-nas como as deles.

Tudo era mais simples na água. O oceano podia ser uma fera perigosa, mas sempre a acolhera e nunca a abandonara.

Danae voltou correndo pela praia, com o balde respingando em uma mão, as sandálias estalando ao mesmo tempo. A vermelhidão da aurora já partira do céu. Ela demorara muito tempo.

Enquanto corria pelo caminho até a cabana, quase colidiu com Carissa, que se apressava para a direção oposta.

Sua pulsação acelerou.

— Alguma novidade?

Carissa balançou a cabeça, franzindo a boca para o cabelo encharcado e as pernas com areia de Danae. Ela seguiu seu caminho sem dizer uma palavra.

Com o corpo pesado como rocha, Danae se arrastou através do portão.

Sua mãe ergueu a cabeça de onde estava no curral da cabra, um balde de leite sob a barriga de Mopso.

— Carissa veio aqui por causa de Alea?

Eleni balançou a cabeça. Suas bochechas estavam pálidas.

— Foi por causa das filhas de Melia. As ajudantes do templo as arrastaram da cabana do ferreiro e as sacrificaram antes do amanhecer.

Danae quase derrubou a água. Depois da comoção pela invasão das mênades e do desaparecimento de Alea, ela esquecera que Deméter demandara sangue na Tesmofória.

— As duas?

As mãos da mãe tremiam enquanto ela alisava os cabelos esvoaçantes que escaparam do tecido amarrado em torno de sua cabeça.

— Deméter, com sua sabedoria, desejou uma vida a mais para corrigir a profanação de seu festival.

Com as pernas de repente fraquejando, Danae baixou o balde e se apoiou na cerca da cabra.

— A deusa escolheu duas filhas da mesma família?

Sua mãe ergueu a mão.

— Não é nosso lugar questionar a vontade dos deuses.

— Não, claro — disse Danae baixinho.

Eleni exalou, ofegante.

— Deuses, não gosto de Melia, mas nunca desejaria isso para ninguém... — Sua voz morreu e ela secou o rosto. — Elas vão se reunir no Campo de Asfódelos. Assim como todos iremos um dia.

Havia três reinos no Submundo, todos liderados pelo deus Hades. O Campo de Asfódelos era o plano para onde todas as almas que tiveram uma vida devota e honesta iam depois da morte. Os avós de Danae e seu tio Taron já estavam lá. Era uma terra feliz, com prados ensolarados e montes ondulantes, coberta por flores que desabrochavam eternamente. Um lugar de paz infinita e alegria, sempre primavera e nunca inverno.

O paraíso dos Campos Elíseos, onde as almas eram enviadas para serem consagradas com a imortalidade, depois erguidas aos céus, era reservado para grandes guerreiros e heróis que morreram em batalha. Danae sempre achara triste que aquelas pessoas corajosas não pudessem passar a eternidade com quem amavam. Não importava o quanto fosse esplêndido, o céu pareceria vazio sem sua família.

O último dos três reinos era o Tártaro, um lugar de tormenta e dor perpétua para as almas consideradas condutoras de uma vida indigna. Aprisionados nesse nível profundo e escuro do Submundo estavam os titãs. Uma raça cruel de gigantes que tentaram destruir o mundo antes que os Doze os derrotassem na grande batalha conhecida como Titanomaquia. Danae devia o solo sob seus pés aos Olímpianos. Todos os mortais deviam.

As mãos de Eleni estavam inquietas em seu colo. Uma gota de sangue pingou na saia de sua túnica. Sem perceber, ela havia machucado o dedo.

— Mãe? — disse Danae.

Sua mãe pestanejou.

— Vamos — disse ela, rouca, levantando o leite em direção à cabana.

— O queijo não vai se fazer sozinho.

Danae a observou por um momento, depois a seguiu.

Sua mãe virou o leite na panela de ferro, posta sobre a lareira ardente.

— Ela não está produzindo tanto nos últimos dias. A pobrezinha está ficando velha.

A fumaça subiu para o rosto de Danae quando ela acrescentou um pouco de salmoura, depois pegou o pequeno jarro de argila ao lado da lareira, colocando um toque de vinagre no leite.

Eleni acabara de afundar a colher de madeira na mistura quando Danae ouviu o rangido do portão. Ela perpassou a porta e se apressou para o quintal.

Seu pai corria pelo trajeto; ele parecia não dormir havia dias. Atrás dele estavam seus irmãos. Alea estava pendurada nos braços deles, seus cachos castanho-avermelhados caindo em cascata em direção ao chão de terra.

O pai segurou Danae quando ela disparou até os irmãos.

— Ela está viva?

— Está. — Seu pai a conteve. — Mas precisamos levá-la para dentro.

— Alea! — Eleni correu em direção aos irmãos quando eles entraram no quintal e os conduziu para dentro da cabana, segurando a cabeça refestelada da filha. Os rapazes gentilmente deitaram Alea no palete onde as irmãs dormiam. Ela estava pálida como mármore.

A mãe levantou as pálpebras de Alea. A garota não reagiu.

— Onde ela estava? — perguntou Eleni.

O pai de Danae afundou em uma cadeira.

— Uma das sacerdotisas a encontrou esta manhã aos pés da estátua de Deméter.

Sua mãe respirou fundo, ajoelhando-se ao lado do palete e segurando a mão de Alea.

— A deusa a trouxe de volta para nós. Ela ficou tão satisfeita com o sacrifício que nos trouxe Alea de volta.

Danae não sabia como se sentir.

— Quando ela vai acordar?

O pai balançou a cabeça.

— Eu não sei, Dani.

Ela percebeu os irmãos compartilhando um olhar. A inquietação cutucou sua barriga, e ela encarou Santos até os olhos dele encontrarem os dela. Danae jogou a cabeça para o lado e saiu para o quintal. Um momento depois, ele a seguiu.

— O que eles não estão contando?

Ele remexeu os pés grandes na terra.

— Santos.

— Papai nos mandou não te contar nada.

Danae socou seu braço.

— Me conta. Eu sou irmã dela, tenho direito de saber.

— *Está bem.* — Santos esfregou os bíceps e encarou a cabana. — Alea foi sedada.

Ela franziu ainda mais o cenho.

— O que alguém...? — As palavras se tornaram cinzas em sua língua ao ver os olhos de Santos, inundados de pesar e fúria.

Odell surgiu da cabana parecendo ter envelhecido uma década nos últimos três dias, com Calix o seguindo.

— Sua mãe precisa de um tempo sozinha com sua irmã.

Antes que ele pudesse a segurar, Danae o contornou depressa.

Ela entrou na cabana e encontrou a mãe examinando entre as pernas de sua irmã. Eleni ergueu a cabeça, uma expressão aflita, e o peso de uma pedra repousou sobre o peito de Danae.



Houve uma necessidade implícita de se manterem ocupados no dia seguinte. Calix e Santos tinham voltado para suas famílias, enquanto o pai acordara antes do amanhecer para pescar. Assim, Danae e sua mãe foram deixadas sozinhas na cabana com uma Alea ainda adormecida.

Eleni fez vigília ao lado da filha, esfregando a testa de Alea sem parar com um tecido molhado, Danae zanzando atrás dela.

Sua mãe soltou um suspiro profundo.

— Seja útil. Vá até a margem do rio e colha um alqueire de sideritis. A erva pode ajudar a reanimá-la. Lembre-se de que é aquela com as pequenas flores amarelas.

Ávida por ajudar, Danae pegou uma bolsa de serapilheira no gancho ao lado da porta. Antes que ela fosse para o quintal, porém, sua mãe gritou. Ela se virou e viu a mãe inclinada sobre o palete, com os braços em volta da irmã.

Alea estava acordada.

Danae se aproximou correndo e se amontoou junto às duas. Elas se mantiveram emaranhadas até Alea esganicar:

— Não consigo respirar.

— Pegue água para ela, Danae — gritou a mãe.

Ela se apressou até a hídria que ficava ao lado da lareira, despejando água do grande vaso em um pote, depois voltou correndo para Alea. Sua mãe pegou o recipiente e levou aos lábios da garota. Alea engasgou antes de se levantar e pegar o pote com as próprias mãos, bebendo tudo. Quando secou a boca, ela franziu o cenho.

— Como está se sentindo? — Eleni tirou o pote de Alea.

— Como se o gado tivesse pisoteado minha cabeça. — Sua carranca se intensificou quando ela olhou para a própria túnica amassada. — Não estávamos no festival agora mesmo?

— Alea, você desapareceu por dias — disse Danae.

A confusão franziu o rosto da irmã.

— Mas... estávamos há pouco na Tesmofória. Assistimos à apresentação, ao porco sendo sacrificado e... — Sua respiração acelerou.

— Qual é a última coisa de que você se lembra? — Sua mãe interrompeu. — Você viu um homem?

Alea balançou a cabeça. Ela parecia prestes a chorar.

A mãe acariciou o cabelo de sua filha.

— Tudo bem, por enquanto basta. — Ela se virou para Danae. — Vá ao povoado e pegue uma galinha com Myron para celebrarmos. — Ela já estava de pé, circulando pela cabana. — Calix e Santos também precisam vir jantar. A família inteira. Toma. — A mãe empurrou Danae na direção da porta enquanto pegava a bolsa que ela deixara cair e pressionava em sua mão, colocando uma moeda na outra.

— Mas...

— Vá! Ou não vai sobrar nenhuma.

Dando uma última olhada para Alea, Danae saiu da cabana.

Ela correu pela estrada costeira que levava ao coração do povoado, suas sandálias batendo contra o caminho salpicado pelo sol, tendo o mar cerúleo como sua companhia constante.

Na beira do povoado, passou depressa pelo santuário dedicado a Dionísio, diminuindo a velocidade apenas quando chegou à coleção de barracas cobertas que se enfileiravam na praça do local. Ela levou

um momento para recuperar o fôlego, depois foi direto ao toldo do açougueiro.

Sua determinação em voltar para Alea o mais rápido possível foi comprometida pela chegada da esposa do pescador da baía da cidade ao lado. Ceto, uma mulher magra de pele pálida e olhar intenso, parou bem no caminho de Danae. Ela balbuciou rapidamente o cumprimento sagrado antes de perguntar:

— É verdade? Sua irmã foi encontrada?

— Sim. Ela está em casa.

— Abençoada seja a misericórdia dos deuses. — Ceto pressionou as mãos no peito. — Ela contou o que aconteceu?

— Eu preciso mesmo ir...

Porém, Ceto não a deixava passar. Mordendo o lábio, frustrada, Danae desviou pela direita e disparou em uma corrida em direção ao toldo do açougueiro.

— Estamos muito contentes por ela estar em casa — gritou Ceto atrás dela. — Mas apenas o tempo irá dizer se isso é uma benção ou uma maldição!

Suas palavras deixaram Danae tão inquieta que ela se abaixou para passar pela cobertura desbotada com uma careta. O açougueiro, um homem com a estatura e a cor de um carvalho, estava cortando carne da carcaça de uma cabra. Danae estava acostumada com o cheiro de peixe, mas sempre achava desagradável o cheiro metálico e intenso da barraca de Myron. Ele olhou para cima, esfregando na testa a mão suja de sangue.

— Que os Doze te enxerguem e reconheçam — disse ela, ofegante. Ele tocou a testa com um dedo ensanguentado.

— Você não deveria andar por aí com uma carranca dessas. O vento pode mudar e vai acabar parecida comigo.

— Acabei de encontrar Ceto — explicou Danae.

— Ah. Não precisa dizer mais nada.

— Estou querendo uma galinha, se tiver alguma.

Myron assentiu e baixou com um baque seu cutelo no bloco de madeira manchado. Ele se arrastou pela barraca, então saiu para os fundos. Depois de alguns momentos, Danae ouviu o guincho e viu as penas voando. Então, um estalo.

Myron retornou, a galinha balançando no punho. Danae abriu sua bolsa de serapilheira para que ele colocasse a ave dentro e lhe entregou uma pequena moeda de cobre.

Ele a encarou com uma pontada de desconforto.

— O preço era, ah... agora são dois óbolos.

Danae olhou para moeda em sua mão, e seu coração afundou no peito.

— Tenho outra criança vindo aí e, com o décimo do templo aumentando... — O açougueiro coçou a cabeça careca. — Odeio fazer isso, mas não tenho escolha.

— Isso foi tudo que minha mãe me deu. — Danae ergueu a cabeça. — Mas irei para casa pegar mais. Aqui. — Ela entregou a moeda e a bolsa com a galinha.

A pena nos olhos dele fez suas bochechas corarem.

Ele pegou a moeda e devolveu a galinha.

— Só desta vez.

Danae levou a bolsa ao ombro.

— Fico contente por sua irmã estar em casa.

— Obrigada — disse ela, baixinho.

O açougueiro pigarreou e pegou o cutelo. Aliviada pelo fim da interação, Danae saiu da loja.